



CONFLITOS DA PÓS-MODERNIDADE A CATEGORIA ESTRANGEIRO NA MÍDIA

Maria José Baldessar¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Janaina Cavalli²

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO:

A partir do conceito de estrangeiro e do sujeito multicultural de Stuart Hall, procuramos nesse artigo analisar como essa categoria tem sido tratada pela mídia. Nos reportamos aos estudos de jornalismo internacional, mas basicamente em teorias que mostram que o homem fora de seu território é um estrangeiro, não importe sua condição social. Procuramos mostrar que como indivíduo esse sujeito “estrangeiro” não existe na mídia. Mas, sim, integrante de um sistema político/ideológico e cultura

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação, jornalismo internacional, multiculturalismo, globalização.

A agenda noticiosa internacional vem sendo dominada, nos últimos anos, por assuntos que, de um ou outro modo, tem relação com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e a reação dos Estados Unidos e seus aliados- como Espanha, Inglaterra e Austrália, e daqueles que não se enquadram nessa categoria. Que o mundo mudou não restam dúvidas. O mapa-múndi da era da globalização nos apresenta países, regiões e situações antes desconhecidas; realidades tão diversas e inusitadas que até o mais crédulo dos homens teria problemas em acreditar. Ou como afirma Ianni (1995:68) “[...] aos poucos, ou de repente, abalam-se os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, em todo o mundo. Todos são desafiados a re-situar-se no novo mapa do mundo”.

¹ - Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica. Integrante do Núcleo de Televisão Digital Interativa/UFSC e do Grupo de pesquisa GEOGRAFIAS DA COMUNICAÇÃO/CNPQ.

² - Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.



O desenvolvimento tecnológico aproximou países, desnudou culturas e ideologias. Mas é a tecnologia a responsável pelo desnudamento do mundo? Ela modificou de tal forma a obtenção de informações que levou o homem a de fato viver numa aldeia global, onde todos sabem de tudo e quase ao mesmo tempo? Onde todos podem circular livremente?

Se sim, os movimentos migratórios das últimas décadas – excluídos aqueles referentes à conquista do novo mundo e do povoamento dos mesmos e das acomodações econômicas na Europa no fim do século XIX e início do século XX que tinha outras características, podem ser considerados somente como motivados por fatores econômicos/ideológicos, ou culturais. Diferente de outras épocas, como os imigrantes das últimas décadas do século XX e início do XXI são vistos pelas populações locais e como a mídia trata dos mesmos?

E esse é o ponto de partida.

É do olhar ansioso para o quadro de *departures*³ no aeroporto, que o estrangeiro começa. E que recomeça no olhar aliviado para o quadro de *arrivals*. A condição do estrangeiro começa a ser delineada a partir dos motivos que o fizeram deixar o país: riqueza, emprego, conhecimento, novos ares. E começa de novo a partir do momento em que precisa cruzar a fronteira do país de destino. Assim como o estrangeiro é o que é a partir dos meios e das razões que o fizeram voltar. Os grandes destinos – Londres, Paris, São Paulo, Lisboa para o estrangeiro (legais ou não), é aquela cidade com que o Grande Khan sonhou nas *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, e sobre a qual Marco Pólo, então, revelou: “A cidade existe e possui um segredo muito simples: só conhece partidas e não retornos”.

O estrangeiro de que este artigo trata é aquele que circula nas ruas das grandes cidades, nos seus gestos mais banais ou nos seus olhares mais persistentes, bem como o que abriu a porta de casa e permitiu, no registro do próprio rosto, o registro de seu mundo particular, feito também das marcas de um mundo antigo. É o estrangeiro que viajou para morar e que constrói com as cidades as singularidades de sua condição. Um segundo olhar percebe que ele é um dos 214 milhões de migrantes internacionais que são parte, hoje, de movimentos impulsionados por uma dinâmica global. Em “A Identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall localiza o ponto de partida dos

³ - Utilizamos a grafia em inglês, já que na maioria dos aeroportos do mundo ela é utilizada, juntamente com a designação na língua vigente. No Brasil – partidas.



movimentos migratórios em questão nos anos 70, quando “tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações”. Antes da resposta à questão “Por que partem?”, decisiva, como mencionado, no delineamento da condição que o imigrante assume, é interessante saber quais são os limites desta dinâmica: De onde estão partindo? E para onde estão indo?

A socióloga Saskia Sassen, em artigo para o *Le Monde Diplomatique* escreve que “tudo indica que é a partir das escolhas dos países altamente desenvolvidos, importadores de mão-de-obra, que se constroem os elos entre países de emigração e países de imigração”. De fato, a observação dos últimos dados empíricos para os movimentos migratórios reforçam a constatação de Sassen.

Os indicadores para 2010 produzidos pela Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais da ONU demonstram que:

* Entre 10 pessoas residentes de países desenvolvidos uma é imigrante. Em países em desenvolvimento a proporção é de uma para cada 70 pessoas.

* As maiores porcentagens entre a população mundial que reside em um determinado país, mas nasceu em outro, encontram-se na Oceania (17%), América do Norte (14%) e Europa (10%).

* Dados coletados entre 2000 e 2007 mostram que a maioria dos imigrantes legais de países desenvolvidos veio de países menos desenvolvidos (80 a 90 por cento dos imigrantes nos Estados Unidos e Canadá e 60% no Reino Unido).

* Entre 2005 e 2010, América Central, sul da Ásia e leste africano acompanham significativa taxa de emigração.

O site *Globalization, Urbanization and Migration (GUM)*, criado por pesquisadores da George Washington University, e até então, segundo os pesquisadores, o único núcleo de pesquisa especializado nos números da imigração específicos para as cidades, apresenta:

- Informações levantadas entre 2000 e 2005 revelam que 20 cidades no mundo são o destino de um entre cinco migrantes internacionais. Cada uma delas abriga mais de um milhão de imigrantes.
- Quatorze destas cidades estão distribuídas entre América do Norte, Europa e Oceania. As outras seis, entre Ásia e Oriente Médio.
- Na América Central, América do Sul e África, cidades com mais de 1 milhão de imigrantes são inexistentes. São Paulo, Buenos Aires e Johannesburgo são os



únicos centros urbanos destes continentes em que a população de imigrantes ultrapassa a marca dos 250 mil.

- Entre as 20 cidades, há as que são hiperdiversas, na definição dos pesquisadores. Nestes centros urbanos, nenhuma nacionalidade representa mais que 25% do total de imigrantes. São cidades em que todos os continentes do mundo estão presentes. Londres, Nova York e Toronto entram nesta definição e, inclusive, são vistos como “os portões do mundo”.

Além do que os números sugerem que a migração, hoje, não é mais uma simples consequência da pobreza. As estatísticas localizam, sim, a trajetória dos fluxos migratórios atuais entre países de diferentes padrões econômicos. Mas, segundo Sassen, as migrações não se tratam de invasões em massa, nem de movimentos espontâneos da pobreza em direção à riqueza. A socióloga sustenta que é preciso parar de pensar a migração internacional como um fenômeno autônomo.

Afinal, por que emigram? Quais são as motivações – e fenômenos – que fundamentam o momento da partida? Novamente, aqui, as constatações de Saskia Sassen auxiliam na busca de respostas. Da mesma forma que, com Stuart Hall, em “A identidade cultural na pós-modernidade”, serão indicados os motores dos movimentos migratórios. Tanto a pesquisadora quanto Hall, ao apontarem as causas dos movimentos migratórios recentes discutem o fenômeno da globalização. No entanto, de diferentes maneiras: Sassen fixa a migração como parte de “estruturas específicas internacionais, impostas pela globalização”. Os movimentos migratórios são consequência direta do comércio e da política internacionais. A autora critica a forma com que os Estados entendem a migração – como se o seu tratamento dependesse somente da soberania nacional unilateral. Stuart Hall analisa as migrações, hoje, partindo da idéia de homogeneização das identidades globais, uma das possíveis consequências da globalização.

Saskia Sassen observa que a globalização econômica transformou os Estados e o sistema interestatal. O resultado é que o Estado-nação, embora ainda o criador das políticas imigratórias, aceitou estar submetido a estruturas específicas internacionais, determinantes destas políticas. A sociologia afirma que o importante é, antes da análise da eficiência do controle dos Estados sobre suas fronteiras, questionar a natureza deste controle, que critérios utiliza. Para isto, começa apontando os principais atores dos movimentos migratórios hoje, “embora raramente identificados como tais”, que



representam as pressões externas a que os Estados encontram-se subordinados. São eles:

- empresas multinacionais que, por seu papel na internacionalização da produção, eliminam os pequenos produtores locais. Limitadas as perspectivas de sobrevivência dos produtores na economia tradicional, surge uma mão de obra móvel; além disso, a instalação de pólos de produção voltados para o exterior facilita as ligações entre os países importadores e os exportadores de capital.
- governos que, devido a suas operações militares, provocam o deslocamento de populações e fluxos de refugiados e migrantes;
- as medidas de austeridade impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), que obrigam os pobres a encarar a emigração (interna ou para o exterior) como estratégia de sobrevivência;
- enfim, os acordos de livre-comércio que, ao reforçarem os fluxos de capitais, de serviços e de informações transnacionais, implicam na circulação transnacional de trabalhadores especializados.

A descoberta do mundo

Os movimentos de descoberta e ocupação do novo mundo e de áreas da Ásia, África e Oceania, nos séculos XIV, XV e XVI resultaram da necessidade da Europa se reinventar economicamente e de seus impérios se consolidarem com tal. Nesse novo contexto, esses movimentos estão associados a fatores como facilidade nos transportes, desenvolvimento das comunicações e a formação de novos mercados consumidores, próprios do que alguns caracterizam como a era da globalização.

Robertson levanta três questões importantes sobre esse processo: globalização não é um estado “completamente novo”, mas de longa duração, cuja origem remonta às grandes navegações e se acelera na atualidade a partir do desenvolvimento das tecnologias de comunicação - que permitem a aceleração de processos sociais, econômicos e o fim da noção de fronteira geográfica.

Depois, o impacto que ela provoca nas relações sociais e culturais de diversos povos que, mesmo alijados dos benefícios econômicos e infra-estruturais do discurso global, nem sempre estão conscientes dela.

E, finalmente, a comunicação. Esta com um processo que implica forçosamente no estabelecimento de contatos mais próximos e o reconhecimento de dependências



mútuas entre povos e instituições diferentes, o que gera interdependência não só econômica, mas mostra uma tendência à homogeneização cultural e social, resultando em embates étnicos e religiosos como os vividos nos últimos anos em diversos países da Europa, do Oriente Média e mesmo da América Latina.

Para Morin, o valor da comunicação é enorme e está associado ao descobrimento do mundo e de novas formas de sociabilidade, já que o mundo exterior exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que está presente no nosso imaginário e é transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. A identidade é o que nos diferencia dos outros, nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Um mundo planetário, interligado por satélites, computadores, programas de auditório, salas de conversa, é hoje o que conforma o cotidiano das sociedades, das pessoas.

Nessa perspectiva comunicacional, a informação, seja noticiosa ou não, assume papel relevante na vida cotidiana de cada um. Ela nos aproxima de mundos distantes e nos mostra realidades diversas, faz com que sejamos partícipes de movimentos emancipatórios, nos solidarizemos com situações caóticas, repensemos nossa relação com o país e com as pessoas. Como integrados dessas realidades, acabamos decidindo de que lado ficar, quem apoiar e por quem se solidarizar. São as contradições vividas entre o local e o global. Se analisarmos, por exemplo, os movimentos dos Trabalhadores Sem-Terra do Brasil e dos Zapatistas no México veremos que eles se assemelham: ambos estão na periferia capitalista e passam a constituir movimentos com corpo em seus territórios locais e nacionais, com imagem nos espaços eletrônicos do mundo global e em fina sintonia com as redes que conectam o local e o global.

Preocupação constante de organismos internacionais e de pesquisadores nas décadas de 70 e 80 do século, a discussão sobre o fluxo internacional de informações passou para o segundo plano a partir do advento da Internet e dos processos de fusão e incorporação de empresas de e em diversos países, resultando na formação de grandes conglomerados mundiais de comunicação. A partir desse momento, as grandes discussões se centraram na agenda dos meios – ou seja, nos assuntos mais debatidos ou naqueles impostos pelo poder ou suscitados pelo público. Daí derivam várias teorias: agenda-setting, espiral do silêncio, teoria do espelho e outras. Se pensarmos nessa agenda, vamos verificar que no decorrer das décadas últimas do século XX e início do



XXI, elas se modificaram, reconfiguraram e, praticamente, continuam as mesmas, à exceção dos movimentos migratórios e de suas conseqüências para ambos os lados.

Nas décadas de 50 e 60, a grande agenda dos meios era a dicotomia entre o capitalismo e o comunismo e as conseqüências que esse embate trouxe: ditaduras, movimentos de emancipação política e cultural, divisão étnica e demarcação de novas fronteiras geográficas. Nas décadas posteriores, a dicotomia entre pobres e ricos; depois, o fim das ideologias (embora o capitalismo se perpetue) e abertura do mundo para todos; a partir dos anos 90 o mundo começa a se preocupar com os movimentos migratórios - já que esse assunto entra na agenda comunicacional.

O estrangeiro como categoria

Michael Dummet, professor de lógica na Universidade de Oxford, escreveu o livro *“On Immigration and Refugees”*. Nele, faz uma análise minuciosa da relação da Inglaterra com o estrangeiro. Desde os princípios que estabelecem as condições da entrada do outro – noções de identidade, de nacionalismo – até as bases históricas que tentam esclarecer como, na visão do autor, o país entende a imigração como uma ameaça. Dummet faz o que Saskia Sassen, julga a tarefa mais importante nos debates sobre imigração: questionar o caráter, a natureza do controle do Estado sobre suas fronteiras.

O autor começa respondendo quais os princípios que, desde a Segunda Guerra Mundial, governaram as políticas dos sucessivos partidos Conservador e do Trabalho acerca dos imigrantes e dos refugiados. Também, qual o tratamento da mídia sobre o assunto e suas conseqüências sobre o modo de ver da população. Dummet responde que o princípio que norteia os governos na tomada de decisões sobre a imigração é muito simples, é o primeiro: o de ganhar votos. Com a imprensa não é diferente. Costuma fazer uso do assunto para o objetivo primeiro de aumentar a venda de jornais e a audiência de programas de TV e rádio. O autor explica que a maneira de a mídia lidar com a notícia acerca dos imigrantes e refugiados, salvo ocasionais exceções, é a seguinte: “identificar um preconceito largamente difundido, ceder a ele e inflamá-lo”.

O conceito de submersão deve ser questionado, defende o autor: Para que o direito que todo povo tem de não ser subjugado deva, sim, nortear o controle sobre fronteiras. Mas, para que, principalmente, seja rejeitado o uso tendencioso do conceito, que nega as aspirações legítimas de potenciais imigrantes e refugiados. Ainda mais diante da atual configuração do mundo, “em que atravessar uma fronteira sem restrições



é praticamente impossível, mas na qual viajar é mais rápido e fácil do que nunca. E quando múltiplas calamidades – perseguição, violência, guerra, fome – pressionam as pessoas a fugir das terras em que vivem”. Por fim, Dummet classifica a cultura ocidental como uma “cultura vigorosa” e, por isso, capaz de assimilar novos valores para o próprio benefício e de ignorar outros, caso não possam ser proveitosamente assimilados.

Para o autor, o discurso da imprensa e a propaganda política na Inglaterra acerca da imigração, desde o término da Segunda Guerra, fixaram na opinião pública o seguinte slogan: Keep them out! “Mantenham-os fora!”. Na base de qualquer tentativa de fundamentar tal postura, como recorrendo ao direito de não submersão dos povos e culturas – está o motivo – ilógico – do preconceito racial. Cláudio Bolzman e Manuel Boucher no artigo “Como a Europa recebe o outro”, para o *Le Monde Diplomatique*, referenciam a socióloga francesa Daniela Joly, que há 30 anos trabalha no Reino Unido. Na visão de Joly, a prática de restringir a chegada de pessoas não-brancas no Reino Unido, em um primeiro momento, diante do fluxo migratório vindo de suas ex-colônias, trata-se de “discriminação racial institucionalizada”.

O Estrangeiro na mídia: três leituras

Na disciplina de Jornalismo Internacional, ministrada em 2010/01, procuramos definir um tema de interesse que nos levasse a analisar a agenda de grandes jornais nacionais e internacionais. Para tanto escolhemos o NYT (EUA), Clarin (AR), Estado de SP e folha de SP (BR), El País (ES) e como contraponto o *Le monde Diplomatique*, e num período de 30 dias clipamos e fizemos uma leitura conceitual, com a pré-definição do tema “estrangeiro”. Por outro lado, nos apoiamos no trabalho de conclusão de curso, da acadêmica Janaina Cavalli sobre os estrangeiros moradores legais ou ilegais, em Londres, denominado *No longuer invisible*”. A partir daí nos propusemos a analisar três situações:

Conflitos culturais: A fé é pauta quando mata

Embora existam inúmeras religiões no mundo⁴ poucas são destaque na imprensa internacional. No período pesquisado apenas duas aparecem: a Católica e a Muçulmana. A Católica aparece nos escândalos sobre pedofilia na igreja em diversos países do mundo e os posicionamentos do Vaticano acerca das polêmicas ou da doutrina do

⁴ - Reconhecidas pela ONU em países filiados: Hindu, muçulmana, católica e cristã ortodoxa, budista, sikh, protestante, evangélica e dezenas de outras.



catolicismo (combate ao homossexualismo, necessidade da oração e fé, paz). Já a Muçulmana, aparece sempre ligada a atos terroristas ou conflitos sociais em diversas partes do mundo, desde o Nepal até a França. Nos jornais que pesquisamos, a designação “islâmico” e “muçulmano” sempre aparece ligado a atos de terror

Fluxos migratórios: nem todos imigram pelo mesmo motivo

Os motivos para imigração, relatados pela mídia são variados vão desde a possibilidade de enriquecimento fácil e a oportunidade do “pé de meia”, até a fuga de conflitos étnicos e ideológicos ao sonho de viver numa terra diferente e distante. Fazer o “pé de meia” é caso de Luis Pacheco, brasileiro, natural de Curitiba⁵ e do mais famoso deles, Jean Charles de Menezes, brasileiro, morto pela polícia britânica em 2004. Ou o de Aalyio Mayow Muhidin, que partiu de Mogadíscio, província de Banaardi, Somália, há dez anos, quando a terra natal tornou-se lugar inseguro sob a permanência da Guerra Civil⁶. Ou, dos mais afortunados, como Susan Tuttle⁷, americana da Califórnia (EUA). Escolheu viver fora do país por um único motivo: “Não sei explicar. Sempre quis morar aqui, desde pequena. Desde a época em que a babá me contava às histórias que se passavam em Londres”. Susan está há seis anos na cidade e, durante todo este tempo, entrou na Inglaterra com o visto *High Skilled Migrant Programme* (HSMP) hoje, incorporado pelo “*Tier 1*”, algo como “Primeira Fila” no sistema baseado em pontos da imigração inglesa.

Esporte como fator: economia e migração

Khedira, Ozil e Boateng. Ídolos da seleção alemã de futebol em 2010. Todos imigrantes de primeira geração. Todos aceitos como “alemães” pela mídia daquele país, mas não como nativos. No entanto, essa é uma realidade engendrada por milhões de euros. Dados da FIFA estimam que mais de 30 mil pessoas estão na situação de estrangeiro em função do futebol. Alguns em condições invejáveis, outros nem tanto. Uma pesquisa feita pela antropóloga Carmem Rial⁸, constata que há aproximadamente 5 mil brasileiros jogando futebol no exterior. A pesquisadora apresenta estes como um “novo produto de exportação. Nos termos deste artigo, o estrangeiro aparece como a mercadoria circulante do século XIX e XX e, no caso da mídia os constrói como

⁵ - Luis Pacheco é um dos personagens no livro “No longer Invisible”. Fotreportagem da aluna Janaina Cavali, apresentado como TCC no curso e graduação da UFSC.

⁶ - Em entrevista ao *Le Monde diplomatique* de 11 de março de 2009.

⁷ - Luis Pacheco é um dos personagens no livro “No longer Invisible”. Fotreportagem da aluna Janaina Cavali, apresentado como TCC no curso e graduação da UFSC.

⁸ - RIAL, Carmem. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. In: *Horiz. antropol.* vol.14 no.30 Porto Alegre July/Dec. 2008



estrangeiros úteis ou nas palavras de Sassen, do *Le Monde diplomatique*, a nacionalização tem assim um propósito estratégico.

Considerações finais

Embora os meios de comunicação tratem com constância os fluxos migratórios e dentro dele o indivíduo migrante, o estrangeiro, esse não aparece como categoria. Mas, sim, com integrante de um grande sistema internacional de trocas de consumo – objetos, pessoas, condições, desejos.

O estrangeiro, tal como é pensado por Hall não tem vez nos meios de comunicação. Ele não aparece como indivíduo, mas como grupo. Assim, no material que analisamos, fica claro, por exemplo, que o grupo “islâmico” é perigoso e, de alguma forma, “inimigos”. Os africanos migrados, não são vistos como produto da colonização européia e de suas conseqüências, mas como um grupo que vem para o mercado informal, muitas vezes ligado a operações ilícitas e condenáveis pela sociedade “nativa”, como o tráfico de drogas, a venda ilegal de armas ou mesmo, a prostituição.

Histórias individuais como as relatadas no livro “No longer invisible”, não são contadas pela mídia convencional – afora que se tornem midiáticas, como o caso de Jean Charles – morto ao ser confundido com um terrorista. Estão inseridas no contexto geral da agenda. Ou seja: o estrangeiro é um problema a ser enfrentado pelas políticas de estado ou pela cultura local.

Diferentemente da percepção que temos que cada vez mais a agenda pública tem mais poder sobre a midiática, o assunto estrangeiro – que está no cotidiano de todos os que convivem nas grandes cidades fica encoberto. Se há 50 anos as agências pautavam a sociedade e decidiam o que ia ou não ser publicado, hoje isso não ocorre. Com as tecnologias que dispomos atualmente (Internet, *blogs*, canais de TV independentes, etc) é praticamente impossível omitir qualquer tema, por mais escandaloso, prejudicial ou de interesse que ele seja. Podemos exemplificar com o caso da publicação das fotos dos serviços funerários dos americanos mortos no Iraque. No entanto, nenhum de nós é capaz de recontar a história de Luiz Pacheco, que viveu em Londres, e praticamente foi abandonado pelo sistema – ele não é pauta. A espiral do silêncio não se aplica.

Não podemos desconsiderar que a agenda dos jornais e outros meios de comunicação, ou seja, a relação de temas que são cobertos pelos repórteres e comentaristas, está ligada ao jogo do poder político e econômico. É uma relação tão estreita, ou simbiótica, tal a dificuldade dos profissionais assumirem a necessária



distância para avaliar o tema, com um mínimo de objetividade. A desconstrução desse tipo de relação só será possível a partir do momento em que as grandes redes e os jornalistas passem a considerar o leitor/telespectador em primeiro lugar como cidadão e depois como consumidor.

Referências bibliográficas

BOLZMAN, Cláudio. BOUCHER, Manuel. Como a Europa recebe o outro. *Le Monde Diplomatique*. Junho 2006. Biblioteca Diplô: Dossiê Imigração. Em: <http://diplo.org.br/imprima1339>

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAVALLI, Janaina. *No longer invisible*. Universidade Federal de Santa Catarina. 2010

DUMMET, Michael. *On Immigration and Refugees*. 1. ed. Grã-Bretanha: TJI Digital, 2001. 153 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

SASSEN, Saskia. Mas por que emigram? *Le Monde Diplomatique*. Novembro 2000. Biblioteca Diplô: Imigrantes/Tendências. Em: <http://diplo.org.br/2000-11,a1931>

GALTUNG, Johan e RUGE, Mari H. (1965) A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson, (1993) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Editora Vega.

GANS, Herbert J. (1979) *Deciding what's news: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek and Time*. Nova Iorque: Pantheon Books.

IANNI, Octávio. (1992) *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (1995) *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MORAES, Dênis de et al. (2003) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record.

MORIN, Edgar. (1986) *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.



NOELLE-NEUMANN, Elizabete. (1995) *La Espiral del Silencio - Opinión Publica: nuestra piel social*. Barcelona: Paidós.

RIAL, Carmem. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. In: *Horiz. antropol.* vol.14 no.30 Porto Alegre July/Dec. 2008

ROBERTSON, R. (2000) *Globalização: teoria social e cultura global*. Petrópolis: Vozes.

SASSEN, Saskia. Mas por que emigram? *Le Monde Diplomatique*. Novembro 2000. *Biblioteca Diplô: Imigrantes/Tendências*. Em: <http://diplo.org.br/2000-11,a1931>